

PESQUISA: PROUST EM IMAGENS

ORIENTANDA: FERNANDA MENDES LUIZ

ORIENTADOR: PHILIPPE WILLEMART

Este projeto é uma continuação do meu projeto de mestrado que consistia em conhecer a obra completa de Marcel Proust e investigar, na construção desta obra, o processo de criação do autor e sua ligação com a visão estética que a permeia. Isso foi feito a partir de suas reflexões sobre a vocação do escritor (ou do artista), a literatura e a arte de modo geral e também a partir de análises de crítica genética sobre seus manuscritos.

O fato de conhecer melhor a obra de Proust, reforçou para mim a ideia de que “a verdadeira vida é a ARTE”. De que Proust ou o herói da *Recherche* nos convida a criar, a entrar em contato com nossa dimensão criativa, a sermos artistas.

Além disso, o conhecimento das análises de seus manuscritos através da crítica genética me trouxe a teoria (que já conhecia em parte na prática pois sou também artista plástica) sobre como o processo criativo se faz, cheio de impasses, desvios, influências, de rasuras e no caso de Proust de um eterno refazer. Mas colocou para mim um impasse: uma descrição detalhada da criação é impossível de ser feita pois é impossível refazer este caminho a meu ver; nem mesmo o artista seria capaz de refazê-lo fielmente e a própria análise do processo já é uma criação sobre a criação. A crítica genética no entanto considera a obra de arte como um todo: além do que é publicado ou exposto, também aquilo que a prepara, além de seu inacabamento intrínseco, colocando portanto na sua infinitude a possibilidade de uma eterna continuação.

Parece-me então mais convidativo, ao invés de teorizar sobre a criação, criar porque não, uma obra de arte e a pesquisa passar a ser os meus próprios caminhos da criação EM ATO, ou seja, o enfrentamento, os riscos para se criar alguma coisa e a análise deste processo no seu decorrer, com toda a subjetividade que isto comporta, mas ainda baseada na pesquisa sobre Proust, sua estética, seu processo de criação, como se este nos convidasse a continuar sua obra. Claro que sem a pretensão de ser uma obra prima, mas apenas a revelação de “nosso eu interior”.

Meu novo projeto pretende portanto, criar uma obra artística que contemple tanto a literatura quanto as artes visuais. A literatura, porque Proust assim como outros escritores que refletem sobre a criação, alimentam a minha e o sentido para ela, e as

artes visuais porque encontro nesta linguagem, uma forma de me expressar que não acho na linguagem escrita.

Considero o último volume da *Busca* sobretudo um convite para a criação porque é recheado de revelações sobre a arte que Proust, de acordo com a análise de seus manuscritos, foi ao longo da escrita da *Busca* colocando para o final, pois muitas destas passagens já estavam escritas e eram uma espécie de tese para os momentos em que o herói sentia que deveria se demorar mais para captar as sensações, como o famoso exemplo da madeleine, do guardanapo, etc. O próprio Proust afirmava que “Combray” e o *Tempo redescoberto* haviam sido escritos juntos, “O último capítulo do último volume, dizia, foi escrito logo depois do primeiro capítulo do primeiro volume. Todo o “entre os dois” foi escrito depois.”<sup>1</sup>

Enfim, o fato de Proust ter colocado para o final estas revelações nos interessa para saber como a obra foi feita, mas as revelações me interessam também em si, pois de fato nos chamam para esta experiência da criação artística.

Alguns autores de crítica genética pesquisados foram determinantes para a construção de uma visão sobre o processo de criação de Proust. Primeiramente Philippe Willemart que propõe que as diferentes versões dos manuscritos de um trecho publicado não sejam analisadas de forma cronológica mas simultaneamente, o que coloca o processo criativo como um todo:

*[...]como Mallarmé, espalho as versões numa mesma cena e, sob um único olhar, observo e pontuo seus laços; ou sabendo que as conexões se fazem na mente, fora do tempo, suspendo as versões como num móbile de Calder e assim será possível fazê-las dialogar uma com a outra”.*<sup>2</sup>

Em seguida Bernard Brun, que de acordo com uma análise feita a partir do conjunto dos 95 cadernos de rascunhos conservados na Biblioteca Nacional da França afirma :

*“a descontinuidade e a reescritura em Proust são constantes, e esta técnica, cada caderno, que ele seja de rascunho ou de manuscrito, traz a marca. Cada um é relido e reescrito, nas margens ou nas páginas da esquerda, ou ainda sobre as*

---

<sup>1</sup> Marcel Proust, Carta de 1919 para Paul Souday, *Correspondance générale*, t.III, p.72.

<sup>2</sup> Willemart, Philippe. *Tratado das Sensações em A Prisioneira de Marcel Proust*, Opus print Editora, 2008, p.25.

“paperolas”, para instituir **a rede de correspondências** narrativas e temáticas internas que criam a originalidade da obra em sua **fragmentação**.”<sup>3</sup>

E finalmente o ensaio de Almuth Grésillon intitulado “Proust e a escrita vagabunda” em *Marcel Proust, Escrever sem fim*.

Os elementos levantados, ou seja, a **fragmentação**, a **rede de correspondências**, os **fios**, o **fluxo ininterrupto**, a **infinitude**, o **inacabamento**, as **bifurcações**, os **impasses**, a **precariedade** e o **processo de criação como um todo**, são em suma os que me interessam para a construção de uma poética em meu trabalho.

Segundo as teorias da estética da recepção, o leitor, parte importante nesta tríade autor-obra-leitor, estabelece uma ligação importante com o texto que é dialógica, portanto produtora de sentido. Minha identificação com o herói da *Busca* é profunda e de fato foi transformadora na minha relação com a arte.

A história do herói da *Busca* é a de alguém que procura sua vocação de escritor e que “tateia” uma razão fazer para arte, não sabendo como dar forma as suas sensações e adiando sempre para começar. Como afirmou Barthes, a própria *Em busca do Tempo perdido* poderia ser lida como “a história de uma escritura”<sup>4</sup>. Ela acontece do avesso, porque o narrador começa a escrever quando acabamos de ler o romance, depois de vivenciar todas as revelações que o decidirão a fazer arte, e a não ser um “celibatário da arte” como o personagem de Swann que transpõe para o amor sua emoção estética, sua subjetividade mas não realiza a obra de arte.

Foi neste herói que me vi, desiludida com o mundo das artes, e depois desanimada por ter desistido de fazer arte e ainda sentir alguma coisa que pede para tomar forma. Esta alguma coisa é a “nossa vida” como diz Proust, mas que pede uma outra linguagem para se colocar no mundo. Esta dimensão que está além de qualquer vaidade, da necessidade do sucesso ou de aprovação, vem realmente do nosso “eu interior”. Ninguém pode fazer em nosso lugar, somos nós, que movidos por esta necessidade de expressar que teremos este trabalho de dar forma a esse conteúdo ainda informe. É esta tarefa a que me proponho com este projeto. Através daquilo que as leituras me trazem ao mergulhar nelas, criar uma obra artística.

---

<sup>3</sup>Bernard Brun, *Les cent cahiers de Marcel Proust: Comment a-t-il rédigé son roman?* outubro de 2006, disponível em: <http://www.item.ens.fr/index.php?id=13947>

Coloco abaixo uma maquete do projeto da exposição para que tenham uma ideia do que seria a criação de um trabalho visual sobre o processo de criação de Proust: estes cadernos teriam uma grande dimensão e estariam espalhados no espaço com fios os sustentando e ao mesmo tempo estabelecendo uma ligação entre eles. Esta é uma visão de como Proust escrevia, muitos cadernos ao mesmo tempo, recortando trechos e os recolocando em outros cadernos, fazendo que os temas percorressem toda a *Recherche* desde os primeiros até os últimos cadernos, em uma escrita infinita e ao mesmo tempo fragmentada

